Revista Khóra, vol 3, n 4 (2016)
ISSN: 2358-9159

# DISLEXIA: É PRECISO ENTENDER E INTERVIR NESTE TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM

*Jéssica Lemos*

**Resumo:**

A presente pesquisa aborda reflexões acerca da dislexia enquanto transtorno de aprendizagem, que afeta crianças em fase escolar e que permanece ao longo da vida. Por isso, apresenta-se o conceito desse transtorno de aprendizagem específico, esclarecendo-o com o apoio de comentários sobre o processo de aquisição da leitura e da escrita, fornecendo explicações sobre o funcionamento cerebral e sobre as características do disléxico.

PALAVRAS-CHAVES: Dislexia, funções cerebrais, aprendizagem, leitura e escrita, sintomas e recurso.

**Abstract:**

This research addresses reflections on dyslexia while learning disorder that affects schoolchildren and remains throughout life. Therefore, it presents the concept of this specific learning disorder , clarifying it with the support of comments on the acquisition of reading and writing , providing explanations of brain functioning and on dyslexic characteristics.

KEYWORDS: Dyslexia, brain function, learning, reading and writing, symptoms and appeal.

---

## Introdução

Ler significa muito mais que reconhecer letras. Ser capaz de realizar a leitura é compreender os elementos linguísticos que, por sua vez, são criados pelos elementos culturais, ideológicos, semânticos e fonêmicos. Em resumo, a leitura é um processo de aquisição da "lectoescrita". Neste sentido, um fato concreto é que, para algumas crianças, a leitura é um processo difícil.

A escrita é uma relação entre as letras e os sons, ou seja, os sons da fala representam letras e as letras se transformam em sons. No entanto, nem todos os indivíduos têm a mesma facilidade para desenvolver as habilidades da Leitura e da Escrita, destacando-se, entre eles, os disléxicos.

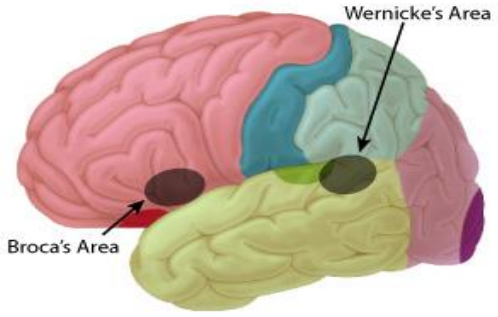
**Dislexia: o que é?**

A primeira instituição para pesquisas e estudos sobre a dislexia, a *Orton Dyslexia Society*, atual *International Dyslexia Association* (IDA), caracteriza a dislexia trazendo a seguinte reflexão: "A dislexia é uma dificuldade que ocorre no processo de leitura, soletração e ortografia. Não é uma doença, mas um distúrbio com uma série de características".

Deve-se compreender que a dislexia é um transtorno de origem genética e neurobiológica que provém de alterações no sistema nervoso cerebral (analisa sinais oriundos das vias sensoriais) para a compreensão de informações, ou seja, o disléxico apresenta uma combinação de genes desfavoráveis para a leitura, causada por uma alteração cromossômica hereditária.

É de grande importância ressaltar que este transtorno é específico da aquisição da leitura e da escrita e entender que o indivíduo que o possuir tem a sua inteligência preservada e que esta independe de oportunidades de aprendizagem e/ou motivações.

No momento da leitura estão envolvidas diversas áreas do cérebro e, na ocasião da leitura em que a palavra é depreendida e percebida visualmente pelo cérebro, mensagens são enviadas às áreas da linguagem verbal, em particular à área de Broca, área motora, no córtex frontal inferior e à área de Wernicke, área auditiva, córtex temporal superior onde são associados aos respectivos sons.




http://sites.sinauer.com/wolfe4e/ch/11/essay1101/bw.jpg

Broca's Area (Broca): atenção, nomeação, memória de curta duração, articulação e conversão grafofonêmica;

Wernicke's Area (Wernicke): processos fonológicos e compreensão.

Por isso, é de extrema importância ressaltar como é o funcionamento cerebral dos disléxicos para o reconhecimento das palavras. Segundo Relvas (2008), o cérebro é dividido em dois hemisférios que trabalham juntos através de milhões de fibras nervosas que formam comissuras cerebrais que mantêm estes hemisférios em constante interação. Mesmo havendo uma relação entre estes hemisférios, cabe lembrar que cada um é responsável por habilidades específicas.

O hemisfério esquerdo é responsável pela linguagem, palavras, razão, fonética, leitura, escuta, associação auditiva; o direito é sensorial, responsável pelas relações espaciais, pelas percepções, sentimentos e emoções.

O disléxico, quando realiza atividades linguísticas, faz o uso recrutante do hemisfério direito, apresentando assim um déficit no sistema da linguagem e, por isso, é caracterizado como um distúrbio específico decorrente do funcionamento cerebral no processamento da linguagem.

Os estudos de Shaywitz e Shaywitz (2008) comprovam a dificuldade no reconhecimento da palavra nos indivíduos disléxicos através da neuroimagem por meio da Ressonância Magnética Funcional (FRMI).

Sendo assim, fica evidente que as áreas neurológicas mais estimuladas quando os disléxicos leem correspondem ao hemisfério cerebral direito (frontooccipitotemporal) e os considerados bons leitores fazem o uso do córtex temporal esquerdo. Ou seja, há uma falha no processamento da informação. Entretanto, não há nenhuma relação com deficiência intelectual ou qualquer outra.

**Características do Disléxico**

Geralmente, os sintomas da dislexia aparecem na fase da alfabetização ou nos primeiros anos do ensino fundamental; deste modo, é necessário que o professor tenha consciência deste transtorno, que é um déficit múltiplo do neurodesenvolvimento, e entenda que os indivíduos com a dislexia são vagarosos na leitura de palavras e pseudopalavras, o que muita vezes influencia na compreensão de grandes textos. Desta forma, nota-se a necessidade de os professores terem uma atenção especial com os educandos disléxicos, pois, segundo Teixeira (2013), este transtorno afeta aproximadamente 3% a 10% das crianças e acomete mais meninos do que meninas.

A dislexia corresponde ao componente de decodificação alterado por falha na organização da informação no processamento auditivo, visual e sequencial, envolvendo mais de uma área de cérebro.

Para melhor entendimento e compreensão, pode-se ressaltar a divisão da dislexia em três tipos. Com base em Jardini (2010), apresenta-se a divisão entre a dislexia predominantemente visual, a predominantemente fonológica e a mista, mostrando breves sintomas.

Sintomas da predominantemente visual: inversões (letras, sílabas, palavras, frases); omissões (letras, sílabas, palavras, linhas); aglutinação das palavras na frase; trocas espaciais

(b/d, p/q); dificuldade com coordenação e ritmo; espelhamento resistente (além dos cinco anos) de números e letras.

Sintomas da predominantemente fonológica: troca de letras que representam sons surdos/sonoros (p/b, t/d, k/g, f/v, x/j, s/z); troca de arquifonemas, trocas vogais e nasais; dificuldade na produção de textos com sequência lógica; dificuldade na detecção de sons e ritmos.

Dislexia Mista: apresenta uma junção ou a presença de características citadas anteriormente, pois se deve lembrar de que muitos descritos são comuns aos dois tipos.

**Dislexia no âmbito escolar**

Para entender o disléxico no âmbito escolar, faz-se necessário compreender como ocorre o aprendizado, como se educa e como ocorre a construção na mente humana. Primeiramente, é preciso saber que todo sujeito aprende. E é de grande importância ressaltar que é através do neocórtex que se educa. Mas outras áreas interferem na aprendizagem, seja de forma positiva ou negativa. Então, o processo de aprendizagem é acompanhado de sentimentos que envolvem o domínio do conhecimento, pois o Sistema Límbico apresenta-se com o poder de aperfeiçoar três das ferramentas fundamentais à manutenção mental do ser humano: a memória, a inteligência e a aprendizagem. Relvas (2012, p.38) traz a seguinte reflexão: "Para se ter aprendizagem, é preciso que ocorra excitação emocional", uma vez que a emoção ativa a atenção. E a atenção é o componente primário e mais vital de qualquer aprendizagem. Dessa forma, percebe-se que o professor deve ativar o Sistema Límbico e acessar as emoções para que a aprendizagem ocorra de maneira satisfatória.

Dentre os principais sintomas do disléxico no âmbito escolar, destacam-se, com base em Teixeira (2013): atraso na aquisição da linguagem; dificuldade para se lembrar de símbolos e para aprender o alfabeto; dificuldade em aprender os nomes das letras; dificuldade para separar e sequenciar sons e palavras; nível de leitura abaixo do esperado para a sua idade; dificuldade para entender enunciados.

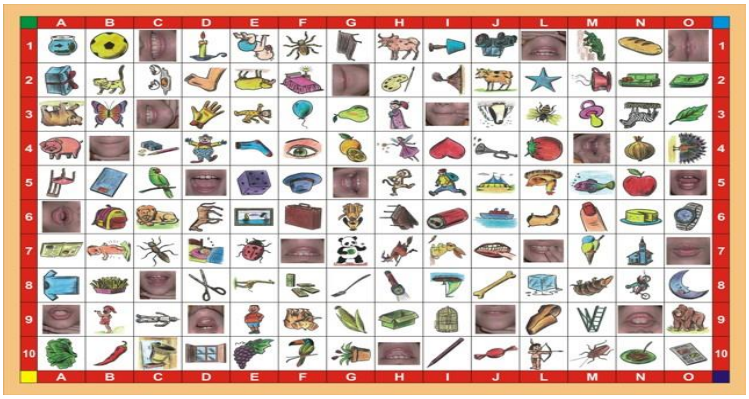
**Diagnóstico**

É preciso saber que não há exames clínicos que comprovem a dislexia. Por isso, faz-se necessária uma equipe multidisciplinar composta por fonoaudiólogo, psicólogo e/ou neuropsicólogo, psicopedagogo e por um neurologista. De acordo com Jardini (2010), essa equipe faz-se necessária porque o diagnóstico da dislexia é de exclusão, já que os exames

clínicos convencionais apresentam resultados dentro da normalidade. Ou seja, para diagnosticar o disléxico, deve-se excluir a presença de outras patologias neurológicas, como deficiência intelectual, déficits sensoriais que resultam em deficiências auditivas e/ou visuais e/ou motoras.

Exames neurológicos que nos disléxicos apresentam normalidade são: Ressonância (MRI) e EEG (eletroencefalograma) e, alterados tem-se PET Scan e RMI – Ressonância Nuclear Magnética por Imagem (ausência de assimetria cerebral e volumes cerebrais homogêneos). Apresentam-se alterações no PAC – Processamento Auditivo Central – que se refere aos processos envolvidos na detecção, na análise e na interpretação de eventos sonoros.

Na avaliação da dislexia, há mais de 30 anos utiliza-se o tradicional Jogo Lince e, em 2008, Jardini desenvolveu a versão Jogo Lince de Boquinhas como ferramenta para a avaliação qualitativa da leitura e da escrita, já que "o uso de um aparato lúdico como recurso avaliativo tem que ser considerado" (Jardini, 2010 p.111).




**Um método como recurso**

De acordo com o dito anteriormente, apresenta-se como recuso para lidar com alunos disléxicos o Método Fonovisuoarticulatório, conhecido como Método das Boquinhas, idealizado e desenvolvido pela Fonoaudióloga, Psicopedagoga, Mestre e Doutora em pediatria Renata Jardini, com base na Fonoaudiologia e na Pedagogia, com o intuito de reabilitar/mediar os distúrbios de leitura e escrita, além de ser indicado para alfabetizar qualquer criança partindo da condição prévia de obtenção de conhecimentos e da linguagem.

O Método das Boquinhas usa estratégias articulatórias (articulema/boquinhas), visuais (grafema/letra) e fônicas (fonema/som), facilitando o processo de ensino-aprendizagem, a consciência e a possibilidade de autoavaliação o que estimula o educando, principalmente, por ser um método prazeroso que cria a possibilidade de aumentar a autoestima, que pode estar abalada.

O método tradicional utiliza repetição como base para a aprendizagem e o método fônico utiliza uma única via sensorial (a audição), mas é preciso saber que a criança disléxica que possuir alteração no processamento auditivo não conseguirá ser alfabetizada por esse método. Por isso, apresenta-se o Método das Boquinhas, que trabalha não só com o apoio auditivo, mas também com o apoio articulatório e sinestésico (sensação e percepção do próprio corpo).

Com todo o apoio articulatório, visual e sinestésico, torna-se mais fácil para o disléxico e para qualquer outra criança identificar as letras, já que se trabalha com o som e não com o nome das letras como no método tradicional. Assim, a criança identifica o som e articulação das vogais, começa a utilizá-las e posteriormente faz as identificações dentro das palavras e depois as consoantes são trabalhadas da mesma forma com todo o apoio. Ou seja, o indivíduo consegue perceber as diferenças entre as articulações (boquinha) e as vibrações que diferenciam as consoantes identificadas como surdas e sonoras (p/b – t/d – f/v – k/g – x/j – s/z), que são dificuldades para os disléxicos.




Boquinhas tende a manter a motivação e a credibilidade da criança em menor tempo de trabalho, mantendo-a na rede regular de ensino. Com vários inputs neuropsicológicos, oferece aos indivíduos a conscientização e a percepção de padrões fono-vísuo-articulatórios, favorecendo a aprendizagem com satisfação e alegria.

**REFERÊNCIAS**

CABUSSÚ, Maria Arminda S. Tutti. Dislexia e estresse: implicações neuropsicológicas e psicopedagógicas. In **Rev. Psicopedagogia** 2009; 26 (81) 476-85.

CHAVES, C. R. *et all* (orgs.). ***Que cérebro é esse que chegou à escola? As bases neurocientíficas da aprendizagem***. Rio de Janeiro: Wak ed.,2012.

DAHAENE, Stanislas: Os neurônios da leitura: Como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Porto Alegre: Penso, 2012. Resenha de JARDINI, RENATA. Os neurônios da leitura.

DAHAENE, Stanistas. A neurociência deve ir para a sala de aula: entrevista [14 de agosto, 2012]. *Revista Época*. Entrevista concedita a Flávia Yuri.

JARDINE, Renata. ***Alfabetização e reabilitação pelo Método das Boquinhas: fundamentação teórica***. 2ed. São Paulo: 2010.

STAMPA, Mariângela. ***Aquisição da Leitura e da Escrita: uma abordagem teórica e prática a partir da Consciência Fonológica***. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

TEIXEIRA, Gustavo. ***Manual dos transtornos escolares: entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola***. 2ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

ZORZI, Jaime Luiz ; CAPELLINI, Simone Aparecida. ***Dislexia e outros distúrbios da leitura-escrita: letras desafiando a aprendizagem***. 2ed. São José dos Campos: Pulso, 2009.

ZORZI, Jaime Luiz. Aprender a ler e escrever: indo além dos métodos. *CEFAC* – Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica, 2003.

ZORZI, Jaime Luiz. Os distúrbios de aprendizagem específicos de leitura e da escrita. *CEFAC* – Centro de Especialização em Fonoaudiologia Clínica, 2004.